



## A Gruta de Enoa

Quando Grimmelken foi criada, Doah, o deus único, a presenteou com uma alma, a primeira centelha de consciência, e Ele chamou-a de Gaia. Seu nome seria eternizado e reconhecido por qualquer ser vivo, até que o mundo se extinguisse e sua essência retornasse ao criador.

Dela nasceu Enoa, senhora da Natureza, chamada por eras pela alcunha de Rainha do Mundo. A rainha fora então incumbida de povoar o solo fértil de Gaia com uma infundável variedade de vida. E ela o fez com maestria.

Durante eras, relatos das aparições de Enoa circularam o mundo e, segundo os bardos, alguns lugares sagrados foram tomados como seus refúgios. Sua última morada, oculta dos olhos mortais, tornou-se cenário de uma tragédia que ficou conhecida pelas florestas do mundo, cantada pelos ventos e comentada pelas árvores.

Eles contavam a vergonhosa história que levou a rainha a se afastar, um relato as inúmeras raças da floresta desejam esquecer. Mas nossos erros teimam em abandonar a memória e permanecem a nossa volta, ecoando em nossos ouvidos para nos lembrar da época em que esquecemos nosso lugar...

Lumnia vivia na gruta de Enoa, um belo lugar oculto pelas águas da cascata de Faura e cercado por árvores centenárias. Fora guardiã daquele lugar, considerado o refúgio da deusa Enoa, por mais tempo que um elfo pudesse contar. Mesmo sendo desta raça, sua vida havia sido prolongada por uma benção da Rainha do Mundo, a quem a guardiã dedicara sua longa existência.

Servia como porta-voz da própria deusa, sendo reconhecida como sua sacerdotisa mais abençoada. Era amada e respeitada pelos guardiões da floresta, e estes sentimentos eram recíprocos, pois Lumnia os tinha como sua família. Eles a consideravam como sagrada e intocável, assim como as gerações antes deles. Protegiam-na do mundo e dos olhos impuros e a veneravam como a própria deusa.

Com o passar do tempo seu interesse pelo exterior se esvaeceu. Suas aparições através da cortina de águas de Faura tornaram-se raras, limitando-se a ocorrer somente quando Enoa enviava seus ensinamentos, algo que poderia levar meses, ou décadas.

Esta era sua vida. Uma rotina de contemplação e servidão que Lumnia levou através dos séculos, ultrapassando milênios, até o dia em que se deparou com um Felinrio.

Rongara era um jovem que vivia em meio às muitas raças de seres que veneravam Enoa. Diferente dos Satagaronatos, uma espécie de toupeiras bípedes que se reproduziam de maneira incontrolável, ele pertencia a uma raça condenada à extinção desde o momento de seu nascimento, quando sua mãe faleceu, deixando-o a sós com seu pai. Os dois últimos da espécie.

Era uma raça de seres belos, ágeis e inteligentes que, diziam, foram os mais numerosos do continente. Humanóides com fortes traços felinos, de pelugem macia cobrindo o corpo, e patas traseiras poderosas que podiam impulsioná-los em corridas alucinantes. O rosto assemelhava-se ao de gatos jovens, com focinho pouco desenvolvido. Seus olhos, redondos e riscados, traziam sua maior característica: Melancolia. Um sentimento trazido de geração a geração, lapidado em suas almas pela tristeza.

Os anos de vida do jovem Rongara marcavam o ápice da maldição mais cruel que já se ouviu falar. Em algum ponto da história, sem motivo aparente, as fêmeas dos

Felinrios passaram a morrer durante o parto. Por muito tempo esta raça resistiu, aguardando por uma resposta ou cura. Nenhuma veio.

As fêmeas passaram a aceitar seu destino e se sacrificavam por seus filhotes. Por mais que se agarrassem na esperança, o fim era inevitável.

Rongara era o símbolo desta melancolia que se aproximava do fim. Um jovem triste, que aguardava o momento de sua morte para encerrar o ciclo de sua espécie.

Mas veio o dia em que ele encontrou Lumnia pela primeira vez, em meio a uma mensagem de Enoa que não foi ouvida, e se perdeu no olhar da guardiã sagrada.

Daquele momento em diante, seu coração foi arrancado do peito e o mundo perdeu a cor, exceto pela imagem da guardiã. Seu faro tornou-se inútil, exceto para apreciar o aroma do orvalho que Lumnia emanava. Os sons tornaram-se abafados, enquanto não viessem dela. Até mesmo as texturas desapareceram ao toque e o frio tornou-se constante. Sua mente ansiava por descobrir como seria a suave textura e o agradável calor da pele proibida.

Para a guardiã, o impossível provou-se irreal e uma agradável sensação aflorou em sua alma, preenchendo seu peito com um calor inconfundível. Os segredos do coração há muito haviam sido esquecidos, enterrados junto às memórias e sentimentos que foram deixados para trás.

Julgava-se, ao longo dos séculos, incapaz de amar alguém além da deusa a qual dedicou sua existência. Mas a visão de Rongara não deixou sua mente, mesmo depois de regressar ao seu isolamento no interior da caverna.

Assim como a dele, sua alma fora tocada para todo sempre.

Dias se passaram, mas a ansiedade apenas aumentou. Ao invés de seus corações se aquietarem com a distância, foram inflamados por seus sonhos, madrugadas afora. Quando dormiam, sonhavam que estavam juntos, em um jardim magnífico, de flores coloridas e cheiro adocicado. Sob a vigília da lua, trocaram palavras amorosas, gestos de ternura e olhares ansiosos. Não tardou para que Rongara desejasse vê-la pessoalmente.

Pobres dos seres designados para vigiar a gruta, pois nem mesmo os velozes unicórnios, sábios e astutos, eram páreos para um Felinrio curioso. Quanto mais para um enfeitado por uma poderosa paixão, pois os da raça de Rongara eram imbatíveis nas artes da furtividade.

Em uma noite de lua nova, sob o auspício onisciente do firmamento, ele deslizou pelas árvores, passando imperceptível pelos guardiões. À beira da gruta, Cillorn, mestre dos unicórnios, montava guarda junto de seus dois filhos. Este seria seu maior desafio. Estes guardiões sagrados eram mais velozes que os olhos, além de poderosos guerreiros. Sua aparência frágil e beleza celestial faziam subestimá-los, mas Rongara sabia que a morte era certa para os inimigos que o fizessem.

Cillorn, mais distante, observava a cachoeira. Seu filho mais velho estava no topo da cascata, observando o pai e toda a floresta abaixo de si. O mais novo permanecia imóvel sobre uma rocha, ao lado da entrada da gruta.

O Felinrio optou por aproximar-se por cima, rastejando furtivo pelas costas do filho mais velho. Por horas ele o fez lenta e pausadamente, atento aos movimentos do guardião e cauteloso quanto aos sons que poderia produzir. O unicórnio, mesmo em prontidão foi incapaz de ouvi-lo, mas ainda restava passar por ele sem ser visto. Rongara agarrou uma pedra e colocou-se a poucos metros do ser sagrado. Com um salto alcançaria a queda d'água e iniciaria uma arriscada descida pelas rochas na forte cascata.

Ergueu a pedra e jogou-a em na moita mais próxima de si. Sabia que o guardião era astuto. Esperto o suficiente para não se deixar cair no “truque da pedra”, e supor que alguém a teria jogado para distraí-lo. Por isso, logo que a rocha chocou-se nos galhos secos, o unicórnio voltou sua cabeça para o lado oposto, procurando aquele que a arremessara. De imediato sua mente anunciou o incidente ao pai e irmão que ficaram em alerta. Nada encontrando, moveu-se para próximo da moita, tão rápido que sua imagem tardou em acompanhá-lo. Inspeccionou o local e nada encontrou.

Nos segundos que havia ganhado, Rongara alcançou seu objetivo e pendurou-se nas rochas, enrijecendo seu corpo como se fosse uma delas, pelo esforço em não ser arrastado pelas águas e medo de ser descoberto pelos guardiões.

Se soubessem que se tratava de um Felinrio teriam se precavido com o triplo de atenção. Mas não sentiram o mal em lugar algum – sabiam que este não escaparia de seus auspícios – e não receberam nenhum alerta das árvores ou outros guardiões. Talvez por isto, ou por mera sorte, Cillorn não tenha percebido Rongara descendo a cachoeira tão lento quanto uma lesma descia a árvore ao seu lado.

Já era quase dia quando ele tocou o solo macio de dentro da gruta, permanecendo oculto. Caminhando cauteloso, apagando pegadas e se mantendo furtivo. Espreitou por algum tempo até encontrar o lago sagrado, que conhecia somente das fábulas dos sátiros. Só então se deu conta de que poderia encontrar a própria Enoa, ou a manifestação de Gaia, mas isto não aconteceu. Somente Lumnia estava lá, de pé, em frente às águas límpidas, observando seu visitante.

“Eu sonhei com você, triste Rongara...”, disse ela.

“E eu com você, sagrada Lumnia...”, respondeu, aproximando-se.

Seu mundo recuperara a cor no tom moreno da pele da sacerdotisa. Seu olfato pôde sentir o aroma do orvalho que emanava da guardiã. Com as costas da mão, ele arriscou uma carícia suave no belo rosto, experimentando sua maciez inesquecível. Não foi o suficiente. Quis saber seu sabor.

Rongara era uma criatura racional, sim, mas como todos os outros filhos de Enoa, ele possuía seu lado primitivo, regido pelo instinto. E foi esta parte que o fez inclinar sobre Lumnia e beijar seus lábios. Um beijo que foi correspondido pela mulher que fingia dormir, pois havia sido avisada sobre a visita que receberia e aguardava, ansiosa, pela vinda do ser tão fascinante.

Como uma sacerdotisa de Enoa, ela também possuía dois lados. E por isso rendeu-se ao instinto, envolvendo-se em seu amante para entregar-se a ele. Ali, Enoa e Gaia depositaram suas bênçãos sobre o novo casal.

Lumnia e Rongara esqueceram do mundo, permanecendo por vários dias dentro da gruta. Contaram suas histórias, compartilharam suas experiências e a paixão entre estes mortais inflamou-se como há muito não se via. Ela repartia sua comida, trazida diariamente pelas fadas, bebiam da água da lagoa sagrada e aqueciam-se nos seus próprios corpos. Nos dias que passaram, eles aproveitaram cada segundo da companhia um do outro.

Na floresta, o pai de Rongara considerou que o filho havia partido e orou a Enoa para que tornasse a vê-lo antes do fim. Os guardiões, proibidos de entrar na gruta sagrada sem que um chamado lhes fosse feito, não desconfiaram de nada.

Mas o tempo zela pela verdade e joga com o destino para que ela sempre venha à tona.

E numa noite, indiferente às outras que a floresta vivia, um jovem Satagaronato cavou seu túnel na direção errada e varou a parede da gruta sagrada. Seus olhos grandes, que permitiam enxergar com o mínimo de luz, encontraram os amantes. Surpreso, ele se

perguntou sobre que lugar seria aquele, mas logo raciocinou: o som da cachoeira, a lagoa no interior da gruta, era o refúgio de Enoa.

Constrangido pelo sacrilégio que cometera, sequer alertou-os de sua presença e retirou-se o mais rápido e silencioso que pôde. Conforme cruzava com seus irmãos, falava do que havia acontecido, desculpando-se e pedindo conselhos. Não tardou para que ele, junto do ancião e mais três influentes membros de sua raça, estivessem à frente do unicórnio Cillorn, seus filhos e outros guardiões.

Como de costume dos Satagaronatos, o ancião explicou-se no lugar do jovem. Não ocultou nenhum detalhe, alegando certeza e culpa do delito que seu jovem cometera, não entendendo somente quem era o felino junto da sacerdotisa.

Foi um comentário sem maldade, mais uma reflexão que, para ele, não tinha importância, mas que fez o unicórnio pensar por alguns segundos.

Cillorn encarou o mestre centauro, que balançou a cabeça, também sem entender. Astuto como era, logo lembrou-se do incidente com seu filho, no topo da cascata, onde nada encontraram. Lembrou-se também que, na floresta, um Felinrio havia desaparecido. Juntou as datas e tirou sua conclusão.

Ninguém disse nada. Não houve tempo, pois apenas um rápido borrão da imagem do unicórnio, que marcou seu rastro rumo à gruta, permanecia ali. Logo correram para segui-lo, eles e todos os que ouviram o brado feroz do guardião clamando, à frente da queda d'água, pela presença de Rongara. Sua voz não vinha de sua boca, mas de sua mente e, talvez por isso, era mais cheio de revolta. Muitos jamais haviam ouvido algo parecido e aproximaram-se curiosos para descobrir o que acontecia.

O casal acordou assustado, colocando-se de pé. O coração acelerado, o ar faltando no peito, como se um pesadelo tivesse ficado para trás. Não sabiam se o chamado que ecoara ameaçadoramente em suas mentes havia sido fruto de um sonho, ou se era real.

“Rongara!”, veio o chamado novamente, ainda mais impaciente, ecoando pelas mentes de toda a floresta. Era real.

Rapidamente a gruta sagrada foi cercada por toda variedade de raças que habitava à sua volta, ansiosos por descobrir o motivo da ira do maior dentre os guardiões. A cachoeira então se abriu, como acontecia quando a sacerdotisa fazia anúncios, mas foi o Felinrio quem surgiu na entrada da gruta.

Lumnia o seguia. O coração apertado pelo peso de uma montanha por imaginar o conflito com os guardiões que lhe haviam dedicado sua existência. Mas uma mão com textura de folha, verde como a primeira folhagem da primavera, a deteve. Era Enoa.

Rongara, fora da gruta, observou os seres curiosos que se aglomeravam à volta, como se aguardassem um anúncio de sua amada sacerdotisa. Encontrando os olhos negros de Cillorn, saltou nas pedras laterais, jogou-se em uma pirueta para uma rocha alta e desceu habilmente para a grama verde, caminhando nas patas traseiras.

“Ponha-se de quatro e explique-se, Felinrio.”, ordenou o unicórnio guardião, cuja revolta aumentara por ver que o profanador ostentava uma postura rebelde. Era costume ajoelhar-se diante de sua raça para defender-se de um crime.

“Eu trago somente a verdade, de coração aberto, aos meus irmãos de floresta. Lumnia é minha fêmea, e eu, seu par.”, foi a resposta, imutável como a montanha mais alta.

Cillorn desapareceu do local onde estava, para reaparecer em uma forte investida contra o felino. Um ataque certeiro, impossível de se evitar. O unicórnio usara apenas seu peito, arremessando Rongara contra uma árvore, que estalou com o forte choque. Mal o corpo atordoado tocava o chão novamente, o unicórnio já havia se colocado ao seu lado.

“Não ouse repetir tal absurdo!”, veio seu pensamento em um grito para as mentes ali presentes.

Rongara calou-se. Olhares de todos os tipos recaíam sobre ele, de assustados a raivosos. Não sabia o que fazer, o que dizer.

“O que está feito é imutável.”, decidiu-se pela verdade.

“Herege!”, o unicórnio empinou, preparando os cascos mortais para dar fim àquela situação. Mas quando atacou, golpeando feroz a carne contra a madeira, não foi Rongara que atingiu. O Felinrio mortalmente ferido, que vomitou seu sangue raro, foi o pai que empurrara seu filhote para tomar seu lugar junto à deusa dos Mortos. Cillorn ainda procurou pelo seu alvo, mas ele já havia se escondido.

“Covarde! Apareça!”, convocou.

“Fique onde está, Rongara.”, ordenou o pai, deixando-se cair. Entre os espasmos da morte, já nos braços da senhora Amupherus, esforçou-se para deixar seu último pedido: “É o último de nós, viva como bem quiser...”.

Os guardiões caçaram seu fugitivo até o sol raiar e continuaram até que a noite se apresentasse mais duas vezes. Sequer conseguiram encontrar seu rastro. Quando desistiu, de orgulho ferido, o próprio Cillorn foi ter com a outra parte. Em um piscar de olhos estava dentro da gruta. Ajoelhou-se e fez uma longa prece, implorando perdão por adentrar a morada de sua deusa.

Caminhou com passos lentos, até alcançar o lago. Não havia ninguém ali.

“Sacerdotisa Lumnia?”, chamou, dirigindo seu pensamento unicamente a ela.

“Sim, o que deseja algoz?”, respondeu ela, também em sua mente, para surpresa do unicórnio.

“Onde você está? O que aquele herege diz, é verdade?”, perguntou, temeroso pela resposta.

“A pedido de Enoa eu parti e não mais retornarei, e sim, Rongara colocou seu fruto raro em mim e eu fui escolhida para dar continuidade à sua raça. Ele me ama, e eu a ele.”

“Vocês... vocês profanaram este templo?”, o pensamento ecoou floresta afora.

“Toda floresta é o templo. Sempre foi. E ele está profanado, sim.”

“Como puderam?”

“Cillorn, trago meu último anúncio da deusa: Você é o escolhido de Enoa e Gaia para reparar o mal feito esta noite. No momento em que entrou na gruta, minha longevidade foi dada a você. Quando o erro for corrigido, Enoa e Gaia retornarão para ter contigo.”

O unicórnio a chamou algumas vezes mais, mas nenhuma resposta veio. Rongara, Lumnia e todos os Satagaronatos sumiram naqueles dias. Não tardou para que os seres da floresta entendessem que os escavadores haviam auxiliado na fuga dos amantes, guiando-os por seus túneis, em segurança.

Os Satagaronatos haviam recebido ordens da própria Gaia para que ajudassem. Temendo uma punição severa, toda a raça deixou a floresta, cavando o quanto puderam, até encontrarem, um veio de rocha com textura óssea. Neste material, suas garras eram ferramentas supremas. Fascinados, seguiram o veio até chegar a uma montanha inteiramente feita disto e fizeram dali, sua nova morada.

Cillorn e toda a floresta abalou-se com a perda da sacerdotisa. A história foi esquecida e muito tempo se passou até que o unicórnio concebesse a idéia de que poderia ter sido ele a profanar o templo. Sendo toda a floresta parte do templo, a morte do Felinrio Ragtanos era o maior sacrilégio de todos. Só então pensou que a Rainha poderia ter abençoado o casal. Foi quando seu mundo ruiu, enterrando seu orgulho. Um novo tempo iniciava-se na Floresta de Lumnia.

O casal rumou para o Leste e, contam as lendas, encontraram uma nova morada em In´Galtrar, o reino élfico no qual Lumnia nascera, milênios atrás. Ela deu a luz a trigêmeos, e engravidou ainda seis vezes, no tempo em que viveu com seu par. Os Felinrios ainda deixariam de existir. Era inevitável. Mas sua união com a elfa gerou uma nova raça, abençoada por Enoa. Os elfos o homenagearam batizando seus filhos de Rongara. Seres com sangue que não diluiria ao procriar com outras raças, o que permitiria que prosperassem novamente.

Com o tempo a raça demonstrou sinais de que sobreviveria e Lumnia pôde partir em paz deste mundo para ter seu descanso final. Seu par a seguiu alguns dias depois, certo de que a semente Felinria havia sido renovada.

Séculos mais tarde, o último filho do casal ainda retornaria para a floresta para conceder perdão a Cillorn, adentraria a gruta com a sua permissão e lá, se apaixonaria pela visão de Gaia, mas isto é outra história...

*Por Leandro “Radrak”*  
*Crônicas de Grimmelken*  
**WWW.GRINMELKEN.COM.BR**